

## O SÓCRATES DE NIETZSCHE E A BUSCA POR UMA EDUCAÇÃO TRANSFORMADORA

Cristiano da Rocha Tavares\*

**Resumo:** O objetivo deste trabalho é fazer uma revisão de estudos que sugerem uma certa proximidade de pensamento entre Nietzsche e Sócrates, conforme a leitura de Kohan (2011) com base na tese de Nehamas e a leitura de Paula (2009) com referência à tese de Kaufmann. Da leitura destes comentadores, depreende-se que a autossuperação, o instinto e a vontade de potência, enquanto mecanismos de afirmação à vida, são para Nietzsche o ponto de partida para a crítica da razão universal imposta pelo iluminismo: a democratização do acesso à cultura e à educação proporcionou como consequência uma baixa qualidade educacional para a Alemanha de seu tempo. Com efeito, conclui-se que o ensino de filosofia não deve se limitar ao ensino de história da filosofia, sob pena de prejudicarmos o desenvolvimento do espírito crítico do educando.

**Palavras-chave:** Nietzsche; Sócrates; Educação; Vontade de Potência; Autossuperação.

**Resumen:** El objetivo de este artículo es revisar los estudios que sugieren una cierta proximidad de pensamiento entre Nietzsche y Sócrates, según la lectura de Kohan (2011) con base en la lectura de Nehamas y la lectura de Paula (2009) en referencia a la tesis de Kaufmann. De las lecturas de estos comentaristas, se entiende que la autosuperación, el instinto y la voluntad de poder, en tanto los mecanismos de afirmación de la vida, son para Nietzsche el punto de partida para una crítica de la razón universal impuesta por el Iluminismo: la democratización del acceso a la cultura y la educación proporcionó, como consecuencia, una baja calidad educativa para Alemania de ese momento. En efecto, se concluye que la enseñanza de la filosofía no debe limitarse a la enseñanza de la historia de la filosofía, bajo pena del prejuicio en el desarrollo de un espíritu crítico del educado.

**Palavras clave:** Nietzsche. Socrates. Educación. Voluntad de Poder. Autosuperación.

### Introdução

Em *O Problema de Sócrates*, na obra *Crepúsculo dos Ídolos*, Nietzsche declara uma verdadeira guerra aos ídolos da decadência e busca demolir à marteladas toda a filosofia socrática. Neste mesmo contexto, procuramos explorar uma outra leitura do Sócrates de Nietzsche que evidenciaria uma suposta admiração entre ambos e superaria a interpretação tradicional que se pauta na interpretação das ambiguidades. Com efeito, Nietzsche e Sócrates estariam próximos: o

primeiro, pela apologia do ensino de uma filosofia não massificada como afirmação da vontade de potência do indivíduo e, o segundo, pela disseminação do conhecimento através do método dialético como forma de crítica à *doxa* vigente em seu tempo.

Na primeira parte deste artigo, procuramos demonstrar a guerra aos ídolos travada pela filosofia nietzschiana que buscou evidenciar toda espécie de decadência filosófica proveniente do uso excessivo do racionalismo. O personagem paradigmático escolhido é Sócrates, cuja filosofia de negação à vida defende valores imutáveis, transcenden-

---

\* Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do ABC (UFABC). E-mail:cristiano.tavares@ufabc.edu.br

tes e absolutos. A anulação dos instintos faz de Sócrates um enfermo que necessita apelar ao método dialético para afirmar sua natureza antidionisíaca e decadente. Adotamos como referencial teórico primário *O Crepúsculo dos Ídolos* de Nietzsche (2018) e como referenciais secundários Frezzatti Jr (2008) e Kohan(2011).

Na segunda parte, procuramos discutir um pouco do pensamento de alguns comentadores que defendem uma suposta admiração de Nietzsche a Sócrates, tomando por base a leitura de Kohan (2011), Paula (2009) e Nietzsche (2018). Embora Nietzsche faça uma crítica ferrenha ao aspecto apolíneo<sup>2</sup> e decadente da filosofia socrática, Walter Kaufmann (*apud* PAULA, 2009) entende que existe muito dogmatismo nesta interpretação: houve muito foco na interpretação das ambiguidades em vez de se fazer notar esta suposta admiração nietzschiana.

Na terceira parte, procuramos discutir o ensino de filosofia sob a perspectiva desta ambiguidade nietzschiana: se por um lado há um distanciamento de pensamentos entre os filósofos, por outro lado há uma convergência que podemos explorar. Nietzsche defende a necessidade de uma educação que desenvolva aquilo que é único em cada homem e que traduza estes impulsos elementares naquilo que chama de vontade de potência. Por conseguinte, Nietzsche rejeita a dou-

trina de massificação educacional e de unidade coletiva da razão, bem como qualquer forma de dominação sobre o indivíduo: é justamente esta concepção que aproxima Nietzsche de Sócrates, uma vez que o processo dialético socrático é desenvolvido em círculos pequenos e concêntricos de indivíduos onde o conhecimento surge pelo diálogo, pela contradição e pela ironia, diferenciando-se portanto da mera opinião massificada. Para desenvolver esta seção, revisamos os estudos de Acosta (2017), Aires (2017), Azeredo (2015) e Medeiros (2013).

### A decadência filosófica de Sócrates

No prefácio de *O Crepúsculo dos Ídolos*, Nietzsche declara guerra aos ídolos eternos e propõe uma *transvaloração de todos os valores* como forma de demolir à marteladas toda espécie de filosofia decadente: o martelo é o instrumento usado para diagnosticar os ídolos eternos – fazer ouvir aquele somoco que vem de vísceras infladas - da mesma maneira que um médico ausculta o corpo de um paciente na procura de um diagnóstico para seus sintomas (NIETZSCHE, 2018).

Em *Máximas e Flechas*, logo após o Prefácio da referida obra, Nietzsche dispara uma série de aforismos antes de entrar propriamente em *O Problema de Sócrates*. No primeiro aforismo, a ociosidade é considerada “a mãe de toda a psicologia: a psicologia seria um vício?” (NIETZSCHE, 2018, p. 11). Para respondermos a esta pergunta, recorreremos à seguinte citação:

[...] a investigação psicológica nietzschiana coloca-se em oposição à moral estabelecida, às virtudes estabelecidas. Isso porque, como já dissemos na introdução, a psicologia nietzschiana não se

<sup>2</sup> Apolíneo e dionisíaco são duas expressões artísticas fundamentais que representam duas divindades gregas, Apolo e Dionísio. Esta dinâmica da criação simboliza aspectos antípodas, pois Apolo é o deus solar enquanto Dionísio é o deus obscuro. Estas divindades são modeladas em dois processos fisiológicos, a saber, o sonho e a embriaguez. O sonho apolíneo representa o mundo da beleza individuada nas imagens e a embriaguez dionisíaca é o mundo do êxtase. A união destes aspectos representa a arte trágica grega.

baseia na dualidade de opostos qualitativos absolutos, bem e mal, mas no pressuposto do estado fisiológico, ou melhor, fisiopsicológico do organismo, ou seja, na potência e na hierarquização de impulsos (FREZZATTI JR, 2008, p. 307).

Com efeito, a investigação psicológica nietzschiana está vinculada à toda a dinâmica de impulsos produzidos por um organismo, portanto livre de concepções morais que afirmam a existência de um Bem e Mal absolutos. Neste sentido, a filosofia socrática é decadente justamente porque nega a vida e se propõe a assumir conceitos imutáveis, eternos e absolutos.

Na análise destes sintomas decadentes, Nietzsche procura compreender de onde provém a idiosincrasia da equação socrática que nivela e iguala razão, virtude e felicidade. Antes de Sócrates, a dialética era comprometida e a juventude era advertida contra ela, pois seu uso somente ocorre quando não se há outro expediente, já que ela suscita desconfiança porque além de não convencer só pode ser usada como legítima defesa nas mãos daqueles que não possuem outras armas (NIETZSCHE, 2018, p. 20).

Dessa forma, o encerramento da tragédia grega<sup>3</sup> e o nascimento do racionalismo e da dialética socrática é severamente criticado por Nietzsche.

---

<sup>3</sup> Para Nietzsche, a tragédia grega nasce precisamente da junção dos impulsos estéticos antagônicos apolíneo e dionisíaco, pois tanto a obra de arte dionisíaca quanto a apolínea fazem parte da gênese da tragédia. De acordo com Nietzsche, o racionalismo imposto pela dialética socrática potencializou a tendência apolínea e relegou ao segundo plano o impulso dionisíaco, o qual foi reduzido à condição de irracionalidade.

Sócrates representa tudo o que há de pior na cultura grega e cujos valores se estenderam para a contemporaneidade: a ciência, a teorização, a moral e o racionalismo, todos características de uma decadência filosófica. No intento de suprir esta lacuna nefasta que nos foi herdada, Nietzsche inventa uma doutrina que chama de *dionisíaca* e que consiste numa valoração artística e amoral da vida (KOHAN, 2011).

Para Nietzsche, Sócrates age como o médico que acredita que o erro é a enfermidade e o conhecimento seu remédio: sua filosofia abrange como ideal uma série de atividades que considera fundamentais, como julgar, raciocinar e teorizar acerca de virtudes morais como compaixão e heroísmo. Logo, esta filosofia socrática é para Nietzsche uma série de aberrações racionais de natureza antidionisíaca que anulam o que existe de mais valioso na vida: a própria vida em si mesma. A decadência do método socrático é muito bem delineada no excerto a seguir:

Como método, Sócrates engendrou a dialética, instrumento de decadência, à medida que, numa cultura que se valoriza como tal, quem tem razão não precisa demonstrá-la. A dialética é tirânica: quem vence deixa o vencido na posição de ter de demonstrar que não é idiota; enfurece-o e não lhe dá ajuda. Nietzsche considera a ironia de Sócrates negativamente: ela é uma mostra de ressentimento e rebeldia plebeia [...] (KOHAN, 2011, p.81).

Em outras palavras, a dialética torna o adversário furioso porque este é colocado em uma posição onde necessita demonstrar que não é um idiota: o método dialético tira a potência do intelecto do adversário. Este moralismo baseado na equação razão =

virtude = felicidade vai contra os desejos inconscientes e contra os instintos: tudo em nome da luz diurna da razão (NIETZSCHE, 2018, p. 21).

A negação do corpo e a comparação da vida a um estado de enfermidade é libertador para Sócrates, pois a única maneira de se atingir a verdade eterna, e portanto sua verdadeira filosofia, é cessar definitivamente sua existência. É exatamente por este comportamento de rejeição ao mundo que Sócrates teria dito antes de morrer: “Viver, significa estar há muito doente: eu devo um galo a Asclépio Salvador” (Fédon). Como sabemos, Asclépio é o deus mitológico da medicina grega e o galo representa o sacrifício que os doentes ofertavam nos templos em busca da cura (FREZZATTI JR, 2008).

A anulação dos instintos e a avaliação da vida não são possíveis para Nietzsche, pois como poderíamos avaliar a vida separando-se dela mesma? Os sintomas desta supervalorização da consciência e da razão revelam-se como uma doença que diminui a força e a potência dos impulsos que justamente valorizam nossas vidas. O valor da vida não pode ser apreciado por nenhum filósofo porque não é possível separar-se dela para avaliá-la e qualquer tentativa neste sentido constitui uma flagrante falta de sabedoria destes grandes sábios decadentes (NIETZSCHE, 2018, p. 18).

O exemplo do Sócrates histórico é paradigmático porque representa toda uma decadência de pensadores racionalistas que negavam os instintos e a vida. Com efeito, Sócrates foi um exemplo perfeito de antigregos porque negou o que existia de mais sublime para os gregos antigos, ou seja, a sa-

bedoria trágica consolidada sobre os alicerces dos impulsos apolíneos e dionisíacos. Este socratismo é doentio para Nietzsche na medida em que assume a inteligibilidade do *Belo* como parâmetro estético e a inteligibilidade daquilo que é *Bom* como parâmetro moral. A vida é, contudo, para ser vivida em sua plenitude por meio de um processo de luta entre impulsos que conseqüentemente afirmarão a vontade de potência (FREZZATTI JR, 2008).

Nietzsche ainda nos afirma que Sócrates era muito feio e que esta feiura seria sinal de uma evolução descendente. Na criminologia do século XIX, os antropólogos evolucionistas e positivistas associavam a criminalidade à feiura. Nietzsche, como um filósofo do século XIX, absorve um certo positivismo e considera o criminoso como um ser decadente, questionando ironicamente se Sócrates seria um criminoso precisamente por ser feio. Quando um estrangeiro de passagem por Atenas disse à Sócrates que ele era um monstro que apresentava todos os vícios e defeitos, este não o negou e ainda afirmou; “Tu me conheces, meu senhor” (NIETZSCHE, 2018, p. 19).

A escolha pela dialética representa a decadência que suscita humilhação ao adversário que pouco ou nada poderia fazer para se defender dos silogismos: a ironia deste procedimento assume a tirania de quem o impõe e deixa a cargo do adversário provar que não é um perfeito idiota. Esta tirania dialética assume ares de vingança e degrada completamente a inteligência de seu adversário (NIETZSCHE, 2018, p. 20). Segundo Nietzsche, Sócrates era tão repulsivo que restaria somente explicarmos as razões que

levaram as pessoas a se fascinarem tanto por ele. Vejamos a seguinte citação:

Quando for preciso fazer da razão um tirano, como fez Sócrates, o perigo não deve ser menor de que qualquer outra coisa se arvore em tirano. É então que se soergue a razão libertadora; nem Sócrates nem seus doentes estavam livres de ser racionais; isso ocorreu a rigor, foi seu último remédio. O fanatismo que conclama a reflexão grega em sua totalidade a se lançar na razão, denuncia uma angústia: estavam em perigo e só restava uma escolha: ou sucumbir ou ser absurdamente racional (NIETZSCHE, 2018, p. 21).

Portanto, entre sucumbir ou prosperar entre os gregos, Sócrates escolheu prosperar ao usar toda sua feiura e monstruosidade quando introduziu a tirania de sua racionalidade representada pelo método dialético. Este moralismo patológico levou os filósofos gregos a acreditarem que a luz da razão encontra a felicidade na virtude e que era preciso eliminar todo instinto inconsciente que nos rebaixa. A prudência que descarta todo instinto é só mais um sintoma de uma doença que inclusive encontra nesta moral de aperfeiçoamento a própria moral cristã. A vida era tão insuportável que Sócrates desejava somente a morte: ele administrou a si mesmo a cicuta em Atenas (NIETZSCHE, 2018, p. 22).

A negação da vida é um estilo próprio à ascensão da plebe que encontra no método dialético uma maneira de se justificar expondo seus argumentos e pensamento: a aristocracia grega não necessitava aplicar esta confrontação porque é própria desta classe ordenar sem precisar provar ou fundamentar suas razões. Sócrates descobriu

que esta anarquia dos instintos não consistia em uma interpretação particular de sua parte mas que toda a Atenas estaria corrompida por esta decadência. Logo, Sócrates percebeu que esta mesma decadência poderia servir como estratégia para sua conservação pessoal na mesma medida em que poderia também servir como remédio para todos (FREZZATTI JR, 2008, p. 316).

### O elogio de Nietzsche a Sócrates

De acordo com a tese de Nehamas (*apud* KOHAN, 2011), Nietzsche estaria substancialmente próximo de Sócrates para admitir essa proximidade, de modo que esta constatação significaria um punhal em seu próprio pensamento. Na obra *Schopenhauer como Educador*, considera indiretamente Sócrates um “homem original” e “genial”; já em *Aurora*, apesar do discurso crítico há também uma concepção elogiosa a seu respeito. Nietzsche apresenta sempre um posicionamento apaixonado e exagerado. No entanto, é importante ressaltar que a exaltação de Sócrates está mais dirigida ao Sócrates de Xenofonte e não propriamente ao de Platão (KOCHAN, 2011, p.94).

Em *O problema de Sócrates*, texto da última fase de Nietzsche, Sócrates é retratado como alguém melancólico e enfermo justamente por se opor à vida (KOCHAN, 2011, p.86). No entanto, este mesmo instinto lógico não lhe permitia voltar-se contra si mesmo, tamanha era esta força, o que faz com que Nietzsche o considere uma das maiores forças instintivas, uma vez que era impossível refutá-lo em seus argumentos (KOCHAN, 2011, p.83). Paradoxalmente, ao mesmo tempo em que existe uma crítica feroz à natureza apolínea de Sócrates,

também existe um elogio de sua força instintiva.

De acordo com a interpretação de Walter Kaufmann (*apud* PAULA, 2009), em sua obra *Nietzsche: filósofo, psicólogo e anticristo*, existiria muito dogmatismo ao se associar a figura de Sócrates a uma suposta decadência filosófica, pois este repúdio nietzschiano foi ressaltado porque houve muito foco dos comentadores na interpretação das ambiguidades; no entanto, a visão nietzschiana também estaria próxima a uma admiração. Alguns textos como *O Banquete* e a *Apologia de Sócrates* teriam influenciado Nietzsche ao ponto de elevar Sócrates a uma figura de ídolo. Ainda dentro desta concepção, existiria uma separação nítida entre a figura de Sócrates, o homem admirado por Nietzsche, e as ideias advindas do socratismo que foram condenadas e criticadas.

Nietzsche, de acordo com Kaufmann (*apud* PAULA, 2009), teria apresentado Sócrates como um semideus, condição esta que em nada assumiria uma conotação negativa, muito pelo contrário: Sócrates, na realidade, é alçado à categoria de homem e mito ao mesmo tempo. Ainda dentro desta mesma interpretação, ninguém teria descrito a morte de Sócrates com tanto amor como Nietzsche (PAULA, 2009, p. 245). Na obra *Para além do Bem e do Mal*, os aforismos 190, 191 e 201 evidenciam a importância que Sócrates teria para Nietzsche ao considerá-lo o filósofo ideal.

Da mesma maneira que Nietzsche considera Sócrates um sátiro em *O Crepúsculo dos Ídolos*, ele mesmo se intitula como um sátiro no Prefácio de sua autobiografia. Para Kaufmann (*apud*

PAULA, 2009), Nietzsche, por assim dizer, confere mais admiração que repúdio à Sócrates e, além disso, é comparado a Alcibíades como descrito em *O Banquete, ou seja, é seduzido por Sócrates*.

Um aspecto particular que nos chama a atenção para esta hipótese de uma suposta admiração de Nietzsche por Sócrates é justamente o seguinte paradoxo: ao mesmo tempo em que existe uma crítica ferrenha sobre a decisão de Sócrates em tirar sua própria vida, porque este não seria capaz de suportar a si mesmo (NIETZSCHE, 2018, p. 22), existe também em *O Crepúsculo dos Ídolos* a apologia nietzschiana ao direito de se tirar a própria vida como ponto de fuga para uma suposta degenerescência:

Criar uma nova responsabilidade, aquela do médico, para todos os casos em que o mais alto interesse da vida, da vida ascendente, exige que se afaste e que se pise sem compaixão a vida degenerescente – por exemplo, em nome do direito de viver... Morrer altivamente quando já não é possível viver altivamente. A morte livremente escolhida, a morte no dia assinalado, com lucidez e com coração alegre, em meio a meninos e testemunhas, quando ainda é possível um adeus real, quando aquele que nos abandona existe ainda e que é verdadeiramente capaz de avaliar o que quis, o que conseguiu, de recapitular sua vida (NIETZSCHE, 2018, p. 74).

É evidente que esta citação se insere no contexto de uma suposta vida degenerescente advinda de alguma disfunção orgânica e limitadora da vontade de potência, onde a medicina não seria capaz de garantir uma vida plena e ascendente. Contudo, Nietzsche defende explicitamente o direito de se extir-

par uma vida degenerescente que não possa ser convertida em vida ascendente: o direito de morrer altivamente e com lucidez, com coração alegre e data marcada. Neste sentido, e considerando a leitura dos comentadores, interpretamos que tanto a degenerescência orgânica quanto a decadência filosófica seriam aspectos limitadores da vontade de potência: esta interpretação nos conduz à especulação sobre uma possível apologia nietzschiana à coragem socrática em dar cabo a sua própria vida.

### O Ensino de filosofia e a crítica de Nietzsche à massificação educacional

É precisamente o posicionamento oscilante de Nietzsche quanto à Sócrates que nos permite conjecturar acerca de certas similaridades que indicam uma relativa proximidade de pensamentos. A crítica de Nietzsche às instituições educacionais de seu tempo nos mostram como tais estabelecimentos de ensino eram extremamente nefastos, justamente porque contribuía para a massificação e a mediocrização da população. O sonho moderno e iluminista de uma razão universal educadora e de uma educação de massa é severamente criticado por Nietzsche porque ele rejeita esta doutrina de massificação e de unidade coletiva da razão (ACOSTA, 2017, p.182). Esta visão fica bastante clara no seguinte excerto:

Compreende Nietzsche, que essa moral de escravos foi imposta a humanidade desde o predomínio da tradição judaico-cristã e, na modernidade, sofreu um deslocamento de seu objeto de fé, isto

é, Deus dádiva lugar a outro ser, a saber, a razão universal. Na modernidade a razão assume o papel - o lugar da religião -, assume a função de domesticar o homem, de fazer com que os mais fortes, os mais aptos a vencer, se tornassem fracos diante dos instintos organizados dos rebanhos (ACOSTA, 2017, p.186).

Portanto, Nietzsche considera fundamental a necessidade de uma educação que desenvolva aquilo que é único em cada homem e que traduza estes impulsos elementares naquilo que chama de vontade de potência (ACOSTA, 2017, p.182). Esta concepção é justamente a que aproxima Nietzsche de Sócrates, pois o processo dialético socrático é desenvolvido em círculos pequenos e concêntricos de indivíduos onde o conhecimento surge pelo diálogo e pela contradição, diferenciando-se assim da mera opinião (*doxa*) massificada.

Sócrates considerava que a vida sem exame não era vida digna de um ser humano e que a busca pelo saber se dá por meio de um processo reflexivo (AIRES, 2017, p.23). Neste aspecto, entendemos que existe certa similaridade ao pensamento nietzschiano de vontade de potência pela autoafirmação e pela negação das opiniões coletivas preconcebidas. Por conseguinte, entender o diálogo como princípio pedagógico significa superar a lógica da afirmação e pensar em um ensino de filosofia que possibilite o potencializar do educando. Ambos os filósofos buscavam romper a tirania do pensamento preconcebido e a coletivização das meras opiniões, muito embora adotassem metodologias distintas.

A racionalidade exagerada proposta por Sócrates e sua respectiva transcendência a um mundo inteligível é criticada por Nietzsche, uma vez que isso significa abdicar de toda a vontade de potência individual em nome de uma proposta atraente e sedutora de moralidade absoluta, a qual por sua vez anula completamente os instintos e os impulsos que nos fortalecem. Se, para Nietzsche, Sócrates era doente porque fazia uso do método dialético, entendemos que, por outro lado, este mesmo método fortalece a lógica do questionamento das tendências massificadas educacionais. Entretanto, teria Nietzsche também este possível entendimento?

A expressão “filisteus da cultura”, utilizada pela primeira vez por Scallet Marton em *Claustros vão se Fazer Outra Vez Necessários*, retrata o entendimento de Nietzsche sobre o fato de o ensino praticado em sua época ser mais direcionado às questões utilitárias: para o filósofo, a educação deveria ser pura e não transformada em mercadoria lucrativa que seja vendida ao maior número de pessoas, exatamente como fazem os “filisteus da cultura”. A educação deveria ser o cultivo do espírito e do extermínio de toda autoridade que nos seja imposta por meio de qualquer forma de crença (AZEREDO, 2015).

Apesar do tema educacional ser mais periférico nas obras de Nietzsche, sua experiência lecionando como professor na Universidade de Basileia, entre os anos de 1869 e 1879, trouxe um contato valioso com os aspectos educacionais, culturais e filosóficos de seu tempo. Este contato com a realidade educacional suscitou críticas eloquentes que foram desferidas pelo filósofo a todo tipo de mistificação intelectual, como a dualidade

metafísica entre mundo real e mundo aparente, a religião, a cultura e a própria filosofia (ACOSTA, 2017, p. 181). As críticas nietzschianas às instituições e aos métodos educacionais de sua época estavam direcionados especialmente à massificação educacional que proporcionava a mediocrização e o surgimento de uma barbárie cultural cultivada pelos dominadores sobre o rebanho adestrado.

É importante ressaltar que a Alemanha da época de Nietzsche enfrentava um processo de unificação e reafirmação de sua identidade nacional que proporcionou mudanças significativas nas diretrizes educacionais de seu tempo: as novas necessidades econômicas, decorrentes do processo de industrialização, levou a uma tendência de uniformização da cultura e do ensino, de maneira a suprimir as desigualdades regionais e a fornecer mão-de-obra especializada para a indústria. Esta alteração no sistema educacional alemão, que procurou se adequar às novas necessidades econômicas, foi criticado por Nietzsche como podemos observar bem nesta citação:

A formação humanista, tão reverenciada pelos alemães no século XVIII e início do século XIX, agora dá lugar a uma formação tecnicista, utilitarista. E Nietzsche infere várias críticas a esse sistema educacional, afirmando que o mesmo é pautado numa lógica meramente econômica. Ele afirma que a formação ofertada nas instituições de ensino alemãs visa apenas formar indivíduos para o trabalho, quando deveriam promover uma educação que tivesse por objetivo assegurar a elevação cultural do indivíduo. Eis o que, para Nietzsche, deveria constituir a real fina-

lidade da educação: promover a elevação cultural (MEDEIROS, 2013, p. 74).

Esta lógica meramente tecnicista e utilitária baseada na necessidade econômica formava indivíduos sem a devida elevação cultural e basicamente destinados ao mercado de trabalho. Ademais, os efeitos desta mediocridade se faziam notar também na inércia e no conformismo dos estudantes que aceitavam sem questionamento as questões filosóficas que eram impostas pela modernidade, as quais geravam um conformismo existencial que em nada contribuía para a autonomia individual. Nem mesmo os especialistas em educação eram poupados pela dinamite nietzschiana, pois eles eram os atores principais na tarefa de educar os estudantes para este mesmo conformismo e consequente submissão. O iluminismo e o advento da racionalidade científica, impulsionados pelo subjetivismo cartesiano, constitui a modernidade a partir da qual nasce o projeto pedagógico responsável por toda a calamidade e pobreza educacional de sua época (ACOSTA, 2017, p. 183).

Na época de Nietzsche, existiam duas tendências pedagógicas: uma que defendia a ampliação e a universalização da cultura e outra que sugeria um enfraquecimento cultural como consequência de uma elevada especialização. Ambas são criticadas pelo filósofo, pois a primeira procura expandir a cultura em direção a uma massificação generalizada do conhecimento, que supostamente visaria somente a atender critérios utilitaristas; e a segunda, uma especialização excessiva que provocaria, como efeito colateral, uma perda geral de conhecimento e, consequentemente, comprometeria a consolidação

de uma alta cultura (NIETZSCHE, 2003 *apud* MEDEIROS, 2013, p.74).

Esta domesticação dos indivíduos, seja por meio de uma cultura massificada de baixa qualidade ou de uma severa especialização, é perpetrada com a finalidade única de produzir e preparar uma classe de trabalhadores para o mercado; em vez disso, a educação deveria libertar o indivíduo das amarras do Estado ou da economia e não o transformar em rebanho. A tendência de massificação cultural é um tipo de nivelamento coletivo das capacidades individuais que suprime toda expressão particular e individualizada em troca de uma expansão quantitativa de um ensino de baixa qualidade (MEDEIROS, 2013).

A educação massificada e universal obteve certa inspiração no projeto moderno e iluminista que estabelecia o uso da razão e da autonomia individual para justificar a evolução da humanidade à maioria: este ponto de vista kantiano afirmava que este estágio seria somente alcançado quando fazemos o uso do esclarecimento iluminado pela razão. Em *Schopenhauer como Educador*, Nietzsche critica a preguiça daqueles que preferem viver como animais de rebanho e que se recusam a atingir a maioria. No entanto, apesar de defender a maioria, critica o projeto moderno kantiano que sustenta a maioria a partir de uma razão universal:

Para Nietzsche, a visão Iluminista de humanidade é inconcebível. Essa espécie de sujeito unitário que ruma em direção a um conjunto de ideias partilhadas de crenças, conjunto este que é uma derivação de uma razão humana unificada, razão essa, que nortearia todo o conhecimento, é inaceitável. Essa

crítica à razão centra-se em uma crítica cujas bases da razão assentam-se nos ideais Iluministas (ACOSTA, 2017, p. 185).

Além de criticar os ideais iluministas de uma razão unificada, Nietzsche também denuncia a moral humana e toda sua fundamentação baseada em uma transcendência em direção a um mundo inteligível. A educação, por sua vez, deve ser construída a partir do sujeito por meio de seus impulsos, sentimentos e pensamentos que conduzam a uma determinada ação sobre o mundo real. Assim, uma educação kantiana pautada em uma moralidade universal somente contribuiria para a criação de uma moral de rebanho que legitimaria o domínio dos mais fortes sobre os mais fracos (ACOSTA, 2017).

A crítica nietzschiana sobre a metafísica se estende à toda tradição judaico-cristã que, por sua vez, domesticou o homem ao enfraquecer seus instintos de sobrevivência e ao promover a promessa de um mundo transcendente e afastado da realidade que o cerca. Com efeito, o afastamento do homem perante os desafios da realidade o torna fraco e suscetível a esta moralidade de rebanho que nos é imposta por meio de uma educação massificada: a negação da natureza humana e a construção de uma subjetividade, seja ela de ordem metafísica, religiosa ou iluminista, esfacela os impulsos que nos fortalecem e diminui nossa vontade de potência (ACOSTA, 2017).

Para Nietzsche, a verdadeira filosofia deveria superar toda forma de metafísica moralizadora e toda forma de racionalidade, pois este tipo de decadência enfraquece os instintos e prejudica a autossuperação frente aos desafios impostos pela vida. Uma edu-

cação verdadeira deve potencializar o educando a fortalecer seus instintos e a abandonar normas sedimentadas e deveres pré-estabelecidos, de modo a valorizar, afirmar e potencializar a vida (ACOSTA, 2017). No entanto, para educar é necessário que existam educadores capazes de superar este adestramento ao qual somos submetidos:

[...] Que a educação, a própria cultura sejam a finalidade – e não o império – que para essa finalidade sejam necessários educadores – e não professores de colégio e sábios de Universidade – é isso que foi esquecido... Seriam necessários educadores, eles próprios educados, espíritos superiores e nobres que saibam afirmar-se a cada momento [...] Faltam educadores, abstração feita para as exceções das exceções, condição primeira da educação: daí o rebaixamento da cultura alemã [...] O que as “escolas superiores” alemãs sabem fazer de fato é um adestramento brutal para tornar utilizável, explorável ao serviço do Estado uma legião de jovens com uma perda de tempo tão mínima quanto possível. “Educação superior” e legião – aí está uma contradição primordial (NIETZSCHE, 2018, p. 52).

Os educadores não podem ser simplesmente professores de colégio ou sábios universitários detentores de um conhecimento que sirva a propósitos imperialistas mas, pelo contrário, precisam assumir um espírito de afirmação que os converta em educadores de fato. Na Alemanha de Nietzsche, as escolas alemãs estavam a serviço de interesses utilitaristas cuja finalidade era o adestramento cultural dos jovens para que eles pudessem servir ao Estado ou ao mercado de trabalho (ACOSTA, 2017).

Para consolidar esta autossuperação do educando, se faz necessário o ensino de uma filosofia que potencialize o estudante a buscar uma reflexão crítica a respeito dos problemas concretos do mundo real, superando assim as concepções metafísicas ou racionais que estabelecem critérios de normalidade a partir de uma educação massificada de rebanho. Logo, para criar uma educação de afirmação da vida, poderíamos assumir uma filosofia de afirmação de nossa vontade de potência:

Portanto, cabe agora perguntar, como oportunizar um ensino de filosofia que enalteça cada vez mais a força pulsional criativa do educando de modo a superar a si mesmo e aos seus limites. Uma possível resposta consiste em um ensino de filosofia que não se centre apenas na transmissão do pensamento histórico da filosofia, mas que oportunize o filosofar. Em *Schopenhauer como Educador*, tece uma profunda crítica ao ensino de história da filosofia vigente na Alemanha. Um ensino calcado em saberes já estabelecido que, segundo ele jamais será fazer filosofia, mas, sim, no melhor dos casos, aquele que se ocupa da história erudita é um bom historiador, mas não um filósofo (ACOSTA, 2017, p. 192).

Esta concepção nietzschiana de estímulo ao filosofar sugere um caráter ativo por parte do educando em buscar possíveis respostas para os dilemas existenciais que o cercam: a proximidade à Sócrates é flagrante pois ele também estabelece a construção do conhecimento a partir de círculos concêntricos de indivíduos. Embora o método nietzschiano seja diferente do método socrático, uma vez que o primeiro valoriza os instintos e a afirmação da vida e o segundo faz uso do mé-

todo dialético e da transcendência, ambos possuem como elemento de intersecção a necessidade de criticar as opiniões vigentes e as tendências universalmente estabelecidas por aqueles que dominam a sociedade.

O ensino de história da filosofia precisa ser estimulado de modo a provocar no educando a autossuperação de seus limites cognitivos: este aspecto de afirmação da vontade de potência somente pode ser atingido quando o estudante é estimulado não somente a adquirir saberes estabelecidos pela tradição mas a filosofar criticamente a respeito dos problemas que acometem o mundo real. Em seus escritos sobre educação, Nietzsche critica os professores que se ocupam somente em transmitir conhecimentos de história da filosofia (ACOSTA, 2017).

Como Nietzsche nos afirmou anteriormente, “educação superior” e “legião de jovens” constituem uma contradição primordial pois a educação de qualidade precisa ser conquistada pelo privilégio daqueles que a buscam e afirmam sua vontade de potência em desenvolver uma alta cultura:

Toda educação superior não pertence senão às exceções: é preciso ser privilegiado para ter direito a um privilégio tão superior. Todas as coisas grandes e belas não podem jamais ser um bem comum [...] O que é que ocasiona o rebaixamento da cultura alemã? O fato da “educação superior” não ser mais um privilégio – o democratismo da “cultura” tornada obrigatória, comum (NIETZSCHE, 2018, p. 53).

De acordo com Nietzsche, o rebaixamento da cultura alemã de seu tempo justificava-se pela democratização cultural disseminada pelo iluminismo: uma razão universal

estabelecida e defendida como bem comum, tornada obrigatória e expandida indiscriminadamente em detrimento de uma baixa qualidade na educação. As coisas grandes e belas não poderiam portanto ser um bem comum, pois tudo o que é grande e belo só o é porque há uma conquista individual que adquire o privilégio a uma educação e cultura superior.

### Considerações finais

A crítica nietzschiana à Sócrates é direcionada principalmente ao racionalismo e ao método dialético que denunciam um processo de decadência filosófica. No entanto, apesar destas críticas desferidas por Nietzsche, conjecturamos uma possível proximidade de pensamento entre os filósofos quando o assunto é a educação individualizada e não massificada, a qual partiria de círculos concêntricos de indivíduos e onde o conhecimento surge pelo diálogo e pela contradição, diferenciando-se assim da mera opinião massificada.

Embora Sócrates se utilize do racionalismo e do método dialético, existe em seus diálogos um questionamento constante sobre as ideias preconcebidas e geralmente aceitas pela maioria. Por outro lado, Nietzsche argumenta que todo tipo de dominação dos mais fortes sobre os mais fracos fundamenta-se na diminuição da vontade de potência e da intuição: o indivíduo submetido ao racionalismo, à razão universal iluminista, à metafísica ou religião, enfraquece sua percepção da realidade e submete-se docilmente ao controle estatal ou às exigências do mercado de trabalho.

A educação iluminista pautada na razão universal floresceu na Alemanha do século XIX e trouxe como consequência, segundo Nietzsche, uma massificação cultural e uma baixa qualidade educacional. O filósofo entende que o rebaixamento da cultura alemã ocorreu pela democratização cultural que ofereceu educação a um maior número de jovens, uma situação que contrasta com o privilégio daqueles que buscam uma educação de qualidade por mérito próprio. Este tipo de massificação educacional somente atenderia ao interesse dos dominadores sobre o rebanho dos mais fracos. A tendência de massificação cultural é um tipo de nivelamento coletivo das capacidades individuais que suprime toda expressão particular em troca de uma expansão quantitativa que oferece um ensino de baixa qualidade.

A autossuperação do educando ocorre por meio de um ensino de filosofia que potencialize o estudante a buscar a reflexão crítica dos problemas do mundo real: a formação em filosofia pressupõe algo mais que a simples assimilação de história da filosofia, é preciso filosofar e afirmar nossa vontade de potência. O rebaixamento da cultura alemã no séc. XIX nos mostra que a democratização do ensino de filosofia deve ser acompanhado também por uma expansão qualitativa que seja capaz de afirmar a vontade de potência dos educandos. Os professores necessitam estimular a criticidade para consolidar o aprendizado e a transformação do educando, pois do contrário estaremos todos sujeitos à lógica racionalista e dominante que o sistema historicamente tem nos imposto por meio do sistema educacional vigente.

**Referências**

ACOSTA, L. G. G. Nietzsche professor: por um ensino de filosofia potencializador. **Refilo - Revista Digital de Ensino de Filosofia**, Santa Maria, v. 3, n. 2, p. 180-194, Jul/Dez 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/refilo/article/view/30473>>. Acesso em: 29 jan. 2021.

AIRES, M. G. A Filosofia no Ensino Médio à luz da perspectiva socrática da reflexão e do questionamento. **NESEF Filosofia e Ensino**, Curitiba, v. 6, n. 1, p. 22-33, 2017. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/nesef/article/view/59519>>. Acesso em: 29 jan. 2021.

ANDRADE DE, W. P. **O(s) Sócrates de Nietzsche**: uma leitura d'O nascimento da tragédia. Campinas: [s.n.], 2009.

AZEREDO, V. D. D. Filosofia e Educação em Nietzsche. **Contexto & Educação**, Ijuí, v. 97, n. 30, p. 160-164, Set/Dez 2015.

FREZZATTI JR, W. A. "O Problema de Sócrates": um exemplo da fisiopsicologia de Nietzsche. **Filosofia Aurora**, Curitiba, v. 20, n. 27, p. 303-320, 2008.

KOHAN, W. **Sócrates & a Educação**: o enigma da filosofia. Tradução de Ingrid Muller. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

MEDEIROS, M. D. C. V. Z. & R. R. Nietzsche e a educação: autonomia, cultura e transformação. **Trilhas Filosóficas – Revista Acadêmica de Filosofia**, Caicó, v. n.1, n. ano VI, p. 71-93, jan-jun 2013. ISSN 1984-5561.

NIETZSCHE, F. **Escritos Sobre Educação**. Tradução de Noéli Correia de Melo Sobrinho. São Paulo: Loyola, 2003.

NIETZSCHE, F. **Crepúsculo dos Ídolos**: como filosofar a marteladas. Tradução de Carlos Antonio Braga. São Paulo: LaFonte, 2018.

PAULA, W. A. D. **O(s) Sócrates de Nietzsche**: Uma Leitura d'O Nascimento da Tragédia. Campinas: [s.n.], 2009. Dissertação de Mestrado. Orientador: Oswaldo Giacoia Júnior.

Recebido em: 04/06/2021  
Aprovado em: 10/09/2021